Uma vitória dos políticos

A extinção da sublegenda e da figura do candidato nato ao Senado está nos propósitos do líder do Governo na Câmara, Pimenta da Veiga. Resta saber se ele conseguirá fazer vitoriosa sua tese, na Câmara Alta, onde existe quem sonhe com a reeleição no facilitário, através de tais expedientes.

A sublegenda foi artifício da ditadura para compactar no partido que lhe dava sustentação, as lideranças conservadoras mais fortes de cada Estado, desavindas por questões pessoais ou regionais. Brigadas entre si, disputavam, porém, as bênesses do poder militar para se garantir a sobrevivência. Com a derrocada do autoritarismo e a inteira liberdade de movimentação partidária, ninguém está mais compelido a se manter numa legenda de que não gosta, na companhia de quem detesta. Simplesmente se muda, o que é permitido até 14 de maio, para quem pensa em pleitear as eleições de novembro.

Ao lado disso, os políticos instituíram a figura do candidato nato ao Senado. É saída cartorial que pretende cercear a liberdade de escolha do partido e do eleitor e impedir a renovação de lideranças pelo voto. Os atuais senadores têm o direito de se candidatar à reeleição. Não têm, porém, assegurada a reeleição, porque esta depende do voto e porque o partido pode, por lei, lançar mais dois candidato pela sublegenda.

São, como se vê, figuras típicas do entulho autoritário que o Congresso pode remover esse ano. Há de ter presente, porém, que estes não são os mais importantes problemas

a serem deslindados pelo Poder Legislativo.

Afinal, o que os brasileiros questionam são as reformas do Governo. E aí os políticos estão perdendo ibope porque, quem está na moda, são os economistas. Uma nova geração que não se corrompeu, na ditadura, difundindo informações inverídicas, falseando dados nem enriquecendo em negócios ilícitos. São os novos astros da tevê brasileira, dos meios de comunicação porque manipulam uma realidade que nos está próxima. Estão mexendo no nosso bolso e não como os seus colegas punguistas dos tempos do arbitrio.

É na reforma econômica que toda a sociedade está interessada. E a classe política tem de mostrar a sua competência e provar que não pode ser acusada de alienada ou incapaz. Porque, durante vinte e um anos, os economistas, os tecnócratas mandaram e desmandaram. Ninguém deteve tanto poder nesse País quanto o nefasto Delfim Netto e sua malta, porque os seus presidentes da República se entretinham decifrando palavras cruzadas ou viam desenho animado, na tevê, no horário do expediente. Quem ousou a reforma não foram, pois, os generais nem os economistas, a seu serviço. Foi um político, o presidente José Sarney e um industrial, o ministro Dilson Funaro que deram a ordem de partida, colocando os economistas, no seu verdadeiro lugar de assessores de quem mereceu a confiança do povo. De quem deve tudo ao voto popular.

É isso que o Congresso deve mostrar ao País.